



## **Contribuições de saberes e experiências camponesas para a transição agroecológica**

*The contributions of peasant knowledge and experiences to the agroecological transition*

AZEVEDO, Fabiano Francisco<sup>1</sup>; CARVALHO, Igor Simoni Homem<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – UFRRJ  
fabianof54@gmail.com; <sup>2</sup> Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – UFRRJ,  
igorshc@ufrj.br

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi identificar, analisar e construir diálogos entre os saberes e as experiências camponesas, na perspectiva de contribuir para a transição agroecológica. A pesquisa foi realizada na Comunidade Rural do Bonfim, em Petrópolis-RJ, que há mais de sessenta anos “tecem” caminhos na agricultura da comunidade, mas que foram duramente impactadas pelas tecnologias da “Revolução Verde”. Como processo metodológico buscamos fontes bibliográficas de pesquisas realizadas na comunidade anteriormente; entrevistas abertas com sete agricultores/as, que relataram suas histórias de vida e as mudanças na comunidade; e a construção da narrativa entre “o menino e o sabiá”, tendo como base a *escrevivência* de Conceição Evaristo. Os resultados desse diálogo trouxeram um memorial de experiências, saberes e processos coletivos que foram fundamentais na constituição da comunidade do Bonfim, contribuições para a construção da Agroecovida e para a transição agroecológica na comunidade.

**Palavras-chave:** escrevivência; campesinato; parque nacional da serra dos órgãos (parnaso).

#### **Introdução**

O processo de rememorar práticas agrícolas manuais do passado, contribui para a transição agroecológica nos dias atuais, este procedimento foi deixado de ser praticado a partir da implantação da modernização da agricultura, que utiliza um pacote tecnológico danoso à saúde humana e à biodiversidade. A “Revolução Verde” prometeu acabar com a fome no mundo e substituir as práticas manuais pelas máquinas, diminuindo a penosidade do trabalho. A promessa não se realizou e os agricultores/as ficaram reféns de insumos, a exemplo das sementes, produzidas pelas empresas. A “Revolução Verde” ainda provocou o êxodo rural e outros problemas socioambientais, tais como degradação e contaminação dos solos, das águas, do ar e dos alimentos que são produzidos. Estes problemas perduram até hoje e comprometem a dinâmica das comunidades, a conservação dos bens naturais, a saúde dos agricultores/as e dos consumidores/as, o valor nutricional dos alimentos e a sucessão rural.

A caracterização da área de estudo é a comunidade Rural do Bonfim que iniciou sua trajetória agrícola em meados da década de 1940, a partir da falência financeira da família Sampaio, grande proprietária de terras entre o final do século XIX e início do



século XX. Os funcionários que permaneceram em uma dessas propriedades – a Fazenda Bonfim – se organizaram para produzir alimentos e criações de animais para o seu sustento (ROCHA, 2007). Entretanto, divulgou-se na época que havia terras disponíveis na região para a agricultura. Com isto, famílias de agricultores/as da comunidade rural do Caxambu, que se localiza próxima ao Bonfim, começaram a migrar para essas terras, que tinham melhores condições de solo e água (CORRÊA, 2009).

Nas décadas seguintes a falência da Fazenda, os herdeiros fizeram várias tentativas de recuperar as terras, mas não tiveram êxito e, em 1984, as terras foram incorporadas ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), ignorando que ali já viviam dezenas de famílias, que começam então a se organizar para lidar com a nova situação (Rocha 2007). Após 38 anos de muita mobilização, organização, resistência, esforço e luta, em agosto de 2022 o PARNASO foi redelimitado, a partir da aprovação de projeto de Lei na Câmara e no Senado Federal. Após a aprovação, os trâmites fundiários seguem para que as famílias possam ter o direito das escrituras de suas terras.

No início da comunidade, a maioria das famílias plantava flores e algumas com hortaliças (Figura 1); suas práticas de cultivos eram manuais, com o uso de ferramentas simples; utilizava o pousio como técnica de manejo do solo, o que causava menos impacto e degradação. Entretanto, as queimadas eram constantes, o que desmatou totalmente a comunidade. No mesmo período da expansão do PARNASO ao Bonfim, os pacotes tecnológicos da “Revolução Verde” foram implantados, disseminando o uso de agrotóxicos, maquinários, equipamentos de irrigação e adubos químicos.

Em poucos anos, todas as práticas manuais foram substituídas pela agricultura convencional (que utilizam o pacote tecnológico da “Revolução Verde”). Com isso, a cultura local também passou por mudanças, deixando de vivenciar práticas coletivas de cultivos, colheitas, comercialização e tantas outras.

Atualmente, a vegetação encontra-se em processo regenerativo muito significativo, mas os rios continuam assoreados e os solos e as águas contaminadas pelos produtos químicos agrícolas. A cada ano que passa as áreas de plantios diminuem devido à falta de sucessão familiar, pois os/as jovens buscam outras oportunidades de estudos e trabalhos fora da comunidade. Outro fator importante a destacar são as vendas de terras para pessoas de fora para a construção de sítios e empreendimentos turísticos, que modificam a economia e a paisagem da comunidade.



Figura 1. Cultivos convencionais de hortaliças. Comunidade Rural do Bonfim, Petrópolis-RJ. Fonte: próprio autor (2022).

### **Abordagem metodológica**

A abordagem metodológica partiu das memórias e das vivências que perpassam pela trajetória dos agricultores/as na construção da Comunidade Rural do Bonfim. Inicialmente, a pesquisa bibliográfica teve como base os trabalhos acadêmicos realizados no Bonfim, que foram de grande relevância para que outros aspectos e processos fossem observados tais como: contextualização histórica da comunidade, os processos dos conflitos fundiários com o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, os efeitos da agricultura na degradação do solo, a preservação da biodiversidade e os hábitos alimentares e nutricionais dos agricultores/as (ROCHA, 2007; CORRÊA, 2009; LOURENÇO, 2010).

Entrevistas abertas foram realizadas com sete camponeses/as (cinco mulheres e dois homens, com idade entre 40 e 70 anos), buscando identificar suas lembranças, saberes, dificuldades, emoções, saudades e outros fatos importantes em suas vidas e na construção da comunidade. Os sujeitos participantes da pesquisa são agricultores e agricultoras, referências na comunidade e atuantes na associação de produtores, na igreja local e no centro educacional infantil. Estes agricultores/as fazem parte das primeiras famílias que chegaram na comunidade. Os participantes iniciaram seus relatos de onde se sentiam mais à vontade. Tudo isto ocorreu em meio a quintais, trovões, chuvas e noites estreladas do verão (jan/fev) de 2022. Como a pesquisa foi desenvolvida em meio a Pandemia da COVID-19, nos encontros presenciais foram adotados os protocolos de segurança – distanciamento, máscara etc. Essas falas foram gravadas e depois analisadas e transcritas em forma de narrativas.

A pesquisa teve como proposta articular à construção de uma narrativa/memorial a partir do diálogo do “menino e o sabiá” (Azevedo, 2022), que trouxe um olhar sobre a construção da comunidade do Bonfim e o processo de migração das famílias da comunidade vizinha do Caxambu. A construção desta escrita teve como base



metodológica a *escrevivência* que, segundo Conceição Evaristo, é um jogo entre as palavras “escrever”, “viver” e ‘se ver’; é fundamentada nas histórias de mulheres negras, mas pode ser experimentada por outros grupos sociais (EVARISTO, 2020).

O espaço “Agroecovida” também foi objeto da pesquisa. Este é um espaço de práticas e experimentações agroecológicas que visa contribuir para a transição agroecológica na comunidade do Bonfim. A construção desse local contou com diversos processos de manejo mais ecológico do solo e da vegetação espontânea, canteiros mais harmonizados, rearranjos de consórcios de hortaliças, grãos e tubérculos, insumos naturais e pouco investimento financeiro. Os alimentos produzidos no espaço Agroecovida são destinados ao autoconsumo e para o compartilhamento com parceiros/as e apoiadores/as.

## **Resultados e Discussão**

Os agricultores/as que migraram da comunidade do Caxambu levaram para a comunidade de Bonfim seus modos de vida, suas práticas de cultivos, diversidades de flores do campo, hortaliças, tubérculos, grãos, frutas e criações de animais. No início, os manejos na comunidade de Bonfim eram realizados com ferramentas como enxadas e enxadões usadas para revolver o solo; esterco bovino; terraços e curva de nível, que contribuem para a fertilidade do solo e amenizam as erosões e degradações e queimadas, para auxiliar no trabalho manual. A prática do fogo era constante, o que levou a perda da vegetação local com transformações na paisagem.

Outra questão importante está direcionada ao cuidado com as águas, pois não eram usados adubos químicos e agrotóxicos, e o esgoto era em menor quantidade, por terem poucas residências. Por mais que o trabalho fosse pesado, os/as agricultores/as relatam que tinham mais tempo para conviver em comunidade, visitando uns aos outros, e participando de rezas/celebrações, festas locais e alguns outros eventos.

Com a modernização da agricultura no final dos anos de 1970, em todas as propriedades as práticas manuais foram substituídas pelos pacotes tecnológicos, o que, aos poucos, mudaram as paisagens. Após a expansão do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, devido às restrições impostas pelo parque, a vegetação teve um crescimento significativo. No entanto, os rios ficaram assoreados e não mais adequados para banhos e captação de água, os solos e as águas contaminados por adubos e agrotóxicos e as pessoas não têm mais tempo para conviver coletivamente nos lugares que eram de convivência da comunidade e sentem-se totalmente sobrecarregados em suas atividades agrícolas. Muitos agricultores/as estão desistindo da agricultura, umas por terem vendido suas terras, outras por não haver sucessão familiar, pois seus filhos não seguiram na agricultura e saíram da comunidade para estudar e ou trabalhar em outras profissões ou até mesmo para trabalhar para outros agricultores na comunidade. Diante desse contexto, a memória comunitária é muito importante para evidenciar os processos que a comunidade



passou, os momentos que aconteceram as mudanças, seus efeitos socioambientais e econômicos e para a reflexão de como os saberes e experiências vivenciadas ao longo do tempo, mas que ainda continuam vivas nas memórias dos camponeses/as locais podem contribuir para a transição agroecológica na comunidade.

Para contribuir para a transição agroecológica, o espaço Agroecovida (Figura 2) foi construído para que os saberes e experiências pudessem dialogar. Este sítio passou por muitas mudanças ao longo dos seus mais de 40 anos de cultivos de flores e hortaliças. No começo de 2020, iniciamos as atividades de construção do espaço, definindo e reorganizando os limites do terreno, plantios de cercas vivas para amenizar os ventos, multiplicação de manivas, estacas, ramas e sementes que vínhamos adquirindo e cultivando. Redesenhamos os canteiros em formato de mandalas, e adotamos uma série de outras práticas agroecológicas como: cobertura do solo; consórcios diversos de hortaliças; sistemas agroflorestais com árvores e frutíferas; compostagem; produção de mudas de hortaliças; criação de galinhas; tratamento de esgoto com vermifiltro e ciclo de bananeiras. Após dois meses de cultivos, organizamos cestas para compartilhar com grupos de amigos, conhecidos e demais pessoas que queriam receber esses alimentos, com entregas quinzenais. O valor era voluntário, cada um contribuía com o que se sentia à vontade. Toda a construção, cultivos e compartilhamento dos alimentos teve como base os saberes e as experiências camponesas do Bonfim. Hoje, o espaço segue com sua proposta-dinâmica de experimentações, construção de parcerias locais e recebendo pesquisadores, estudantes, visitantes de assistência técnica, projetos de transição agroecológica e movimentos sociais.



Figura 2. Espaço Agroecovida, com SAFs e cultivos em mandala, contrastando com cultivos convencionais. Fonte: Vídeo Tempo de Plantar - Florian Kopp (2021).

## Conclusões

A pesquisa possibilitou construir diálogos entre os saberes e as experiências camponesas da comunidade do Bonfim, e a observação de suas paisagens



socioambientais que perpassam por modificações ao longo do tempo. A narrativa construída entre “o menino e o sabiá” rememorou momentos, conhecimentos e convivências comunitárias, que se desdobram na construção do espaço Agroecovida – um local de experimentações de práticas agroecológicas que tem fortalecido a resistência da cultura camponesa na comunidade, que está viva ainda nos tempos atuais. Esta proposta agroecológica nos mostra que é possível produzir alimentos saudáveis e compartilhamentos mais justos e, ao mesmo tempo, regenerar o solo, conservar a biodiversidade e transformar as paisagens agrícolas em espaços mais convidativos para as trocas de saberes. Esta junção entre os saberes e as experiências camponesas nos convida a pensar que os lugares tem suas histórias, seus processos de vida e conhecimentos que podem ser agregados nos processos de transição agroecológica.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fabiano F. **O Menino e o Sabiá**: proseando entre saberes e experiências camponesas na comunidade rural do Vale Do Bonfim – Petrópolis-RJ. Dissertação (Mestrado Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022, 137f.

CORRÊA, Frances V. **O Parque Nacional da Serra dos Órgãos**: Entendendo a dinâmica do conflito na gestão. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 252f.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Itaú Social & Rede Galápagos. São Paulo, 09/11/2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicaoeveristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>.

LOURENÇO, Ana E. P. **O Bonfim na balança**: perfil nutricional e percepção sobre prática alimentares e de atividade física em um bairro rural de Petrópolis, Rio de Janeiro. 2010. 202f. Tese. (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA, Leonardo G. M. A situação Fundiária do Parque Nacional da Serra do Órgãos. In: CRONEMBERG, Cecília; CASTRO, Ernesto B. V. (Orgs.) **Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos**. Brasília: Ibama, 2007.